

A DIDÁTICA E OS PROCESSOS DIDÁTICOS SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE

THE SUBJECT DIDACTIC AND DIDACTIC PROCESSES BY THE PSYCHOANALYSIS VIEW

Lindalva Pessoni Santos¹

Resumo: Este artigo apresenta algumas considerações no campo da psicanálise. Fundamentando em Jacques Lacan (Seminário 17, O avesso da psicanálise) e alguns outros estudiosos de suas perspectivas, propõe-se um deslocamento da concepção de linguagem que sustenta o discurso da Didática e dos processos didáticos. Lancei mão dos caminhos percorridos pela Didática, desde sua “criação, como” a arte de ensinar”, até problematizar os processos didáticos hoje. O deslocamento levantado indaga a impotência de abarcar um saber, de fechar questão a respeito de qualquer coisa que queiramos, pois a apreensão do real é da ordem do impossível uma vez que apenas aproximamos de suas bordas, em um jogo que entrelaça real, simbólico e imaginário. Outra vertente, é a aposta da psicanálise na constituição do sujeito pela linguagem, rompendo com a questão do psiquismo, do saber interior, da consciência individual, etc. No entanto, apesar de lançar novos olhares sobre a Didática e os processos didáticos, pontuo ser necessário aproximar o máximo possível de seus postulados, pois é necessário fazer o processo ensino-aprendizagem acontecer. é a Didática que busca sustentar este processo.

Palavras-chave: Deslocamento. Didática. Processos didáticos. Linguagem. Impotência da verdade.

Abstract: This article debates some concepts of the Psychoanalysis field, based more specifically in Jacques Lacan, Seminary 17, which is the “up side down” Psychoanalysis and some other authors of Lacan’s books. Didactics is debated here, since its creation as “the art of teaching” up to questions of nowadays didactic processes. The raised displacement inquires the impotence of accumulating “knowledge stocks” and giving a final answer to whatever is studied. This impotence is caused by the impossibility of apprehension of the Real World and human beings can only approach to its edges, in a game that interlaces Real World, Symbols and Imagination. Another point of this article is the idea that psychoanalysis can constitute citizens thorough the language, breaking with the idea of the “psychism”, of the “self”, of the individual conscience, etc. Although this article proposes a new point of view on Didactics

¹ Especialista em Matemática e Linguagem para as Séries Iniciais, Professora de Didática e Prática de Ensino na Unidade Universitária de Inhumas - UEG

(as a subject) and the didactic processes, it is necessary to keep Didactics principles at the most, and not to abandon it, therefore the process of teaching/learning must happen. Based on this, Didactics is the support for this process.

Key words: Didactic displacement. Didactics. Didactics processes. Language, impotence of the truth.

Introdução

Há uma explosão de publicações no meio acadêmico, em congressos nacionais e internacionais, a respeito da educação. Inúmeras teorias circulam, partindo dos campos psicológico, sociológico, filosófico, linguístico, psicolinguístico, holístico, etc. De modo geral, seguem uma linha de pensamento que revelam o poderio incondicional da ciência, da pesquisa e da teoria, pois tem como respaldo o “rigor científico” que é à base de sustentação da sociedade moderna.

Burgarelli afirma que “a forma como lidam com o saber implica uma completude espetacular. É proibido não saber tudo; do mesmo tudo que não se permite sair do lugar” (2005, p. 11).

Este artigo propõe o deslocamento da visão da Didática e mais especificamente da concepção de linguagem que sustenta o discurso² dos processos didáticos. A Didática se firmou como uma ciência, um corpus de conhecimentos a respeito do processo ensino-aprendizagem, especificamente como teoria de ensino. Seus desmembramentos são conhecidos como processos didáticos ou fenômenos didáticos. Para ficar mais claro, Behares ensaia uma distinção:

Por un lado, la Didáctica, como corpus deónticos que incluye discursivamente proposiciones sobre un “ser” y un “deber ser” de la praxis de la enseñanza (-aprendizaje), con una larga historia y con una importante variedad de formatos y formulaciones; y,

Por otro, lo didáctico, fenómeno actualizado que observamos en la actividad interpersonal del enseñar y del aprender fuera o dentro de instituciones acondicionadas para ese fin. (BEHARES, 2003, p. 6).

² “Discurso não equivale, em psicanálise, nem ‘a língua’ nem ‘a fala’. Lacan chamou assim tipos de relações que podiam ter entre si os sujeitos em função do agenciamento que organiza os quatro termos- S barrado S₁, S₂ a- que a “captura” dos sujeitos implica” (Melman, 2003, p. 201).

Falando como professora de Didática há 07 anos no Ensino Superior, nos cursos de Pedagogia e Letras, percorrerei um caminho inverso, na contramão desta Teoria de Ensino. Baseando-me na psicanálise, proponho ver a Didática e os processos didáticos pelo avesso, seus pontos, seus nós. Neste caso, o nó borromeano³, utilizado por Lacan para representar o entrelaçamento entre o real, o simbólico e o imaginário.

Por essas três dimensões a linguagem se envereda, dá suas voltas e se articula como resto, como saber articulado em palavras e como verdade resultante de uma operação científica. A matéria tomada como uma estrutura de traços que ora se distinguem ora se identificam se articulam, em elementos lingüísticos e produz seus efeitos(...), pois é a partir do momento em que nos encontramos presos nessa rede de linguagem que somos convocados a ex-istir, quer dizer, a nos puxamos pelos cabelos para que a vida se teça, suportavelmente , em palavras mais amenas:prazerosamente.(BURGARELLI,2005, p.9).

A busca deste prazer⁴, não passaria de um jogo desta trilogia. Os seres de linguagem se desdobram de forma fantástica para suportar a falta, a lacuna que a linguagem não consegue preencher. No entanto, "el problema surge en el momento en que esta "fantasía" se quiebra y ese "funcionamento aparentemente armonioso y sereno llega a entrar en crisis"(CHEVALLARD, apud BEHARES, 2003, p.27).

Essas contradições angustiam o ser falante, porque algo foge de seu controle. Há um fosso que ele não consegue transpor. Mas ele é um ser que clama por sentido, por estar imerso no mundo de linguagem força-se uma barra para representar o real e o que lhe escapa fica como resto não computável de uma "realidade que precisa se manter estável. Mas, Lacan coloca "que é impossível demonstrar-se como verdadeiro o registro de uma articulação simbólica que o real se situa, se o real se define como o impossível" (1992,p.164).

1 A origem da Didática.

O aparecimento da ciência e da didática ocorreu durante o século XVII na Europa, em meios às condições econômicas, sociais e políticas. "A história da Didática está ligada ao aparecimento do ensino – no decorrer do desenvolvimento da sociedade de produção e das

³ O nó borromeano é um nó construído por três círculos entrelaçados e inseparáveis .Foi utilizado por Lacan para representar os três elementos:Real, Simbólico e Imaginário.

⁴ É a forma como o sujeito é tomado e determinado pela linguagem .Difere-se complementemente da idéia de significação.

ciências – como atividade planejada e intencional dedicada à instrução” (LIBÂNEO, 2000, p. 57). A situação naquele momento se definia assim:

Foram ocorrendo intensas mudanças de produção, havendo um grande desenvolvimento da ciência e da cultura. Na medida em que esta se fortalecia como classe social, disputando o poder econômico e político com a nobreza, ia crescendo também a necessidade um ensino ligado às exigências do mundo da produção e dos negócios e, ao mesmo tempo, em ensino que contemplasse o livre desenvolvimento das capacidades e interesses individuais. (Idem, p. 59)

A criação da Didática é atribuída a João Amós Comênio (1592-1670), com a obra *Didática Magna*, publicada em 1657. “Em sua *Didática Magna*, Comênio elabora uma proposta de reforma da escola e de ensino e lança as bases para uma pedagogia que prioriza “a arte de ensinar [...]”. Isto é, um método universal de ensinar tudo e a todos” (DAMIS, apud VEIGA, 1991, p.17).

Desde sua “criação”, a Didática recebeu influência de várias outras ciências, como a Filosofia, História da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação e outras. Mas, de forma geral, guarda em sua essência uma crença na aplicação de seus postulados, principalmente a efetivação do processo ensino-aprendizagem.

Luckesi afirma:

A didática, como direcionamento imediato da prática do ensino e da aprendizagem, servirá de elemento articulador entre as proposições teóricas e a prática escolar propriamente dita. Ela, tanto em fase de planejamento, quanto em sua fase de execução, é a mediação necessária para garantir a tradução da teoria pedagógica em prática pedagógica. Através dela, a concepção teórica da educação pode se fazer concreticidade histórica (1994, p.163).

Dois pontos aqui serão questionados: primeiro, para além da origem, da criação, da ciência e da didática; são efeitos desse tempo e desse espaço; efeito de linguagem que tanto Comênio e outros de sua época foram marcados por cadeias significantes⁵ que engendraram “novos posicionamentos”, “novos discursos”; segundo, nenhuma teoria é garantia efetiva da prática.

⁵ Diminuição da tensão, evitar o desprazer.

Burgarelli (2005, p. 114) afirma que “a passagem da teoria à prática, ou vice-versa, revela-se ameaçada, num determinado ponto, por um resto que pertence ao domínio do impossível”. Esse resto não é levado em consideração, ficando no campo do imaginário a sensação de completude.

2 A produção discursiva

A questão aqui levantada é o lugar dos discursos pedagógicos científicos e didáticos. Os arranjos estabelecidos conclamam sensatez, equilíbrio, e transparência de um saber. A produção discursiva da didática é clara, simplificada, historicamente com posição definida de mediação e intervenção no processo ensino aprendizagem; aposta-se na linguagem como forma de conceituar, encaminhar o processo e definir o real.

Ros afirma:

Lacan propone este vaivén del conocimiento en su constante transformación como un efecto de lo Real, que no cesa de no inscribirse en lo imaginario y en lo simbólico. Lo real no puede ser aprehendido en una representación Estable, sino únicamente bordeado por infinitas representaciones, en su constante pulsar (...) es un sistema de articulación: Real, Simbólico e Imaginario; sobre el fondo de la imposibilidad de acceso al puro Real. (Ros in Behares, 2003, p. 86)

De que ordem é o real? Como defini-lo? É possível representá-lo através da linguagem?

Burgarelli nos adverte:

Nenhuma teoria sobre a linguagem pode ser integral; nenhuma prática com a linguagem pode ser, de fato, aplicação de uma teoria. Dizer isto implica assumir o ponto-de-falta com que nos deparamos tanto em nossas produções acadêmicas, ciência, quanto em nossas propostas sobre a prática escolar. No entanto, o que se evidencia hoje no discurso científico encontra-se muito distante desse ponto. Tomando, por exemplo, com base dessa discussão, o discurso pedagógico atual, posso afirmar que essa questão caminha por via totalmente oposta, pois seus pilares são simultaneamente transparência da linguagem e o poderio incondicional do sujeito.(2005, p. 7-8)

O discurso que se faz presente naturaliza as ações pedagógicas, preenche todos os pontos obscuros, prevê resultados mediante a solidez como é organizada sua estrutura.

Recurriendo a una metáfora Arquitectónica, planteados Que los diversos dispositivos didácticos se diseñan como andamias que no sólo sostiene la estructura, sino que garantizan que ninguno de los elementos se desplace de su

lugar o altere el orden en el que han sido asignados (Bordoli apud Behares, 2003, p.46)

Para problematizar, promover deslocamentos, também se parte de um discurso, pois como Lacan (1992, p. 52) afirma “nenhum dialogo é possível se não situar no nível do discurso” e que “nenhuma evocação da verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semi-dizer, que ela não pode ser inteiramente dita por que, além de sua metade, não há nada a dizer. Tudo o que se pode é isto”.

A abordagem aqui escolhida trata dos limites nos quais estão submetidos e que “se somos forçados a flunar tão longamente pelos corredores da verdade, é justamente por que há algo que nos impede de chegar” (idem, p. 165). De chegar de fato, de fechar questão, de mostrar de forma cristalina a verdade, o real, uma vez que, nenhuma teoria pode ser completa assegurada pela transparência da linguagem. Henry coloca esta questão através do olhar da psicanálise:

Lacan soube tirar as conseqüências do fato de Freud, desde a ciência dos sonhos, ter sido levado a fazer hipóteses sobre a linguagem que rompessem com a ideologia da sua transparência. Essa ruptura com a transparência é uma problemática da psicanálise [...] A psicanálise trata, portanto o sujeito como um efeito. Mas precisamente, o sujeito que constitui sua matéria-prima é efeito de linguagem. É finalmente essa posição do sujeito com relação a linguagem que põe a psicanálise no lugar de rompimento com a ideologia da transparência (HENRY, 1992, p. 30)

Os discursos científicos e pedagógicos se colocam como transparentes, não assumindo seus pontos de estrangulamento, opacidade e deslizes. Mas precisamente, tomam a verdade fora do discurso, ocultando as contradições, colocando-se sempre em um lugar ideal.

Dizer que a contradição não é imediatamente reconhecida não quer dizer Contudo que ela não funcione [...] não se trata de eliminar essa contradição mas apenas de reconhecer que praticar uma ciência é sempre, em ultima instancia, trabalhar sua contradição especifica de modo que o exame das diversas formas concretas dessa contradição permita a apreensão de seus elementos (HENRY, 1992, p.16 e 17)

Em nível de discurso, a linguagem aceita tudo. O encadeamento discursivo pedagógico centra numa verdade totalizante, num lugar definido nos moldes de uma comunicação tranquila. Tudo parece muito óbvio, o poder do discurso é o que faz permanecer enquanto teoria vigente e reconhecida, mesmo que na prática isso não aconteça como preconizado em seus postulados, as

teorias se mantêm no lugar das “certezas” “a referência de um discurso é aquilo que ele confessa querer dominar, querer amestrar” (LACAN, 1992, p. 65). O discurso pedagógico e a ciência querem amestrar, dominar o espaço do saber, e pelo menos discursivamente acreditam fazê-lo, numa vigilância acirrada e objetiva de métodos, processos, amostragens, aspectos quantitativos e em voga os aspectos qualitativos.

A busca do saber ou o desejo de saber são objetos de contestação da psicanálise que nas palavras de Lacan (1992):

Se há algo que a psicanálise deveria forçar-nos a sustentar tenazmente, é que o desejo de saber não tem qualquer relação com o saber – a menos, é claro, que nos contentemos com a mera palavra lúbrica da transgressão. Distinção radical, que tem suas consequências última do ponto de vista da pedagogia – o que conduz ao saber não é o desejo de saber. O que conduz ao saber é – se me permitirem justificar em um prazo mais ou menos longo – o discurso da histérica⁶ (p.21)

E continua:

O que serve bem para mostrar o quão pouco pesa a incidência das escolas é o fato de que a idéia de que o saber possa constituir uma totalidade é, por assim dizer, imanente ao político como tal. Sabe-se disso há muito tempo. A idéia imaginária do todo tal como é dada pelo corpo – como baseada na boa forma da satisfação, naquilo que, indo aos extremos, faz esfera – foi sempre utilizada na política, pelo partido da pregação política. O que há mais belo, mas também de menos aberto? E o que se parece mais com o fechamento da satisfação (LACAN, 1992, p. 29)

Essa idéia de abarcar a totalidade, de satisfação plena, absoluta, camufla várias questões, dentre elas, o descompasso entre teoria e prática; num processo de homogeneização, de controle do objeto de interesse. A Didática se firmou como teoria por trazer em seu discurso a essência da mediação. Podemos perceber nas palavras de Libâneo

Nesse entendimento a Didática se caracteriza como mediação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente. Ela opera como que uma ponte entre “o quê” e o “como” “do processo pedagógico escolar [...]”. O processo didático-efetiva a mediação escolar de objetivos, conteúdos e métodos das matérias de ensino. Em função disso, a Didática descreve e explicam os nexos, as relações e ligações entre o ensino e a aprendizagem; investiga os

⁶ Lacan estabeleceu quatro discursos: Discurso do Mestre (significante mestre que comanda, aquele que nos marca); Discurso Universitário (o saber que comanda); Discurso da Histérica (O sujeito que comanda); Discurso do Analista (o objeto a que comanda). Para maior aprofundamento ver Lacan, 1992, Seminário 17, capítulos I e II.

fatores co-determinantes desses processos; indica princípios, condições, e meios de direção do ensino , tendo em vista a aprendizagem.(1994, p.28).

Mais uma vez é posta em evidência o controle do processo, a transparência da linguagem, o poder incondicional do professor em ensinar e do aluno em aprender.

3 O sujeito da psicanálise – efeito de linguagem

A psicanálise provoca uma desconstrução das bases de sustentação da linguagem e do sujeito, pois o coloca como efeito e não como controlador da linguagem. O sujeito é assujeitado⁷ pelos efeitos da linguagem e não tem domínio disso. O controle não está nem no sistema imutável da língua, como era concebida pela lingüística de Saussure, e nem como o ato individual do psiquismo como acreditavam os Idealistas, mas nas relações entre um significante e outro significante que representam e determinam o sujeito. Os sentidos não são dados nem previamente, nem interiormente, mas no jogo dos significantes. O indivíduo não esta na origem, no manejo da linguagem. Mas, ao mesmo tempo o faz crer e não poderia ser de outra forma, que tem as rédeas em suas mãos de seu modo de ser, fazer e dizer.

Os efeitos da linguagem não são previamente escolhidos e ordenados, mas estão presentes-ausentes nos convocados a dizeres, posicionamentos, ações que colocamos como de nossa vontade, de nosso interesse. Acredita-se no indivíduo em plena consciência, dono de um saber interior, dotado de capacidades cognitivas ou interativas. Desta forma a cognição e a interação se impõem, camuflando a relação sujeito e linguagem que a toma simplesmente como representação ou expressão de algo que é individual ou social.

Sobre esta questão dos efeitos da linguagem, Ros faz uma análise:

Esta escisión afecta al sujeto por el sólo hecho de ser parlante, a partir de que somos seres lenguaje algo sobre nosotros mismo, sobre el mundo y sobre el otro, queda perdido, desconocido, ante algo otro que lo representa. El Yo, no es más que un significante que nos representa ante algo otro significante, es decir ante otro sujeto. Podemos decir nuestro nombre, nuestra profesión, nuestro estado civil, pero no podemos decir con certeza porqué nos pasa lo que nos pasa, porqué elegimos lo que elegimos y porque lo seguimos eligiendo a pesar de todo. Nada sabemos sobre la causa de nuestro deseo, o sobre el deseo de lo

⁷ Estar assujeitado é o mesmo que determinado, nesse caso , pela linguagem.

que nos causa. El Yo se funda en este reconocimiento, implicando la dimensión de lo imprevisible que nos habita, imprevisible en tanto no es calculable, en tanto se desprende de todo esfuerzo consciente. (ROS apud BEHARES, 2003, p. 86).

Para a psicanálise não há saber que nasce no interior do indivíduo; não concebe a questão da consciência e rearticula a noção de inconsciente. Lacan numa releitura de Freud formula a hipótese de inconsciente como uma estrutura de linguagem, uma vez que escapa, falha e sofre deslocamentos. O inconsciente não é algo localizado nas profundezas do psiquismo do indivíduo, mas são os efeitos de linguagem operando.

Burgarelli coloca:

O que se encontra na base do que seria, para Freud, o pré-consciente é um discurso já existente, que Lacan chama de “um jogo de signos em liberdade”, e o que se costumou tomar como a passagem do inconsciente para o pré-consciente não é senão efeito da própria constituição do inconsciente, em cujo funcionamento primeiro e radical articula-se o sujeito como sujeito falante. Em outras palavras, o inconsciente se constitui devido ‘a emergência do ato de enunciação. Ele se encontra no discurso, e só pode ser explorado por via de uma repetição (2005 a, p 64-65).

Assim todo psiquismo é linguagem constituída pelo Outro⁸, pelo externo. O sujeito só se sustenta de acordo com o universo discursivo em que esta inserido, pelo discurso do Outro. Deste modo, é ilusório pensar em um sujeito subjetivo, autônomo, construtor de si é senhor de sua razão. Desde o momento que nascemos somos antecipados como sujeitos, alienados⁹ pelo discurso do outro. Somos constituídos desde o momento inicial de nossas vidas no mundo da linguagem.

Lacan nos afirma:

Seja como for, há em todos os casos um nível em que isso não se ajeita, o nível daqueles que produziram os efeitos da linguagem, por que nenhuma criança nasceu sem ter tido que se haver com esse tráfico por intermédio de seus amáveis progenitores, que estavam presos em todo problema do discurso, tendo atrás de si, também eles, a geração precedente (1992, p 170)

⁸ “Lugar onde a psicanálise situa, além do parceiro imaginário, aquilo que, anterior e exterior ao sujeito, não obstante o determina” (Chemama, 1995, p. 156).

⁹ Alienado aqui não tem nenhuma ligação com a definição Marxista, de engano. Estar alienado é em relação há um lugar, lugar discursivo onde o sujeito se constitui.

Esses deslocamentos propostos pela psicanálise, e principalmente por Lacan, mexem com as estruturas que normalmente estamos apoiados. Uma delas é que a linguagem não é um mero instrumento de comunicação ou de representação, ela é fundante do ser e não porta nem regularidade, nem transparência, menos ainda completude. Somos o que somos por aquilo que nos foi antecipado. Não há um “puro vivo”; a linguagem nos constitui e nos diferencia de outros seres vivos.

Algumas considerações momentâneas

Pode parecer “incoerência” aos estudiosos da Didática e mesmo aos que se vale de suas bases, no caso os professores e acadêmicos dos cursos de licenciatura, uma professora de Didática propor deslocamento de sua própria disciplina. Defendo-me dizendo que a primeira reação que tive ao entrar em contato com os estudos da psicanálise, especificamente Lacan, foi de pensar que tudo tinha saído do lugar, principalmente o chão onde me apoiava: as certezas dos princípios da Didática e dos processos didáticos. No entanto, com o passar do tempo, senti que as marcas deixadas pelo novo olhar da psicanálise, não são para derrubar estruturas, mas para balançá-las, sem a pretensão de dar uma nova ordem estável. É uma forma de questionar o que parece inquestionável. É como Burgarelli se posiciona “não permanecer no lugar de resposta, mas de pergunta”.

Pressuponho que foi esta a posição que defendi neste artigo, o deslocamento de uma resposta cristalizada para uma pergunta, mais precisamente que não há uma verdade única. Questionar a verdade é colocar em discussão seu limite, a sua impotência em abarcar o saber, o furo e a incompletude de sua constituição, pois a linguagem não comporta esta totalidade. “Talvez a verdade não tenha outro rosto. Não há porque ficar doido por ela. Isto também não é exato. Rostos, a verdade tem mais de um” (Lacan, 1992, p.164).

Outro ponto é que a linguagem ultrapassa as palavras, a fala, o sentido.

Ocorreu-me com muita insistência distinguir o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, é um discurso sem palavras. É com que sem palavras, na verdade, ele pode muito bem subsistir, Subsistir em certas relações fundamentais. Estas, literalmente, não poderiam se manter sem a linguagem. Mediante o instrumento da linguagem instaura-se certos números de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas. (Idem, p10-11)

Os limites dos processos didáticos ficaram menos pesados a partir dos estudos psicanalíticos, pois entendemos que as questões são de linguagem, e não de ordem mental, pessoal, social, filosófica, etc. Cada pessoa é marcada de forma diferente pelas cadeias significantes. Há um corte sobre o processo de assujeitamento da linguagem e determinar o sujeito não significa controle absoluto, pois os sentidos estão nos encadeamentos discursivos, que são diferentes para cada um. O movimento de linguagem segue através desses deslizos, rupturas, deslocamentos, o que nos impossibilita de denominar qualquer situação. No entrelaçamento dos discursos, preservam-se partes, rompem-se outras, num processo de unidade e dispersão, que marca o espaço de singularidade do sujeito na sua relação com a linguagem. Há então, uma singularidade do sujeito com a linguagem, o que nos escapa definir sua constituição, pois ele é efeito e não causa de uma determinação lógica, transparente.

O desejo de representar o real, de dominá-lo é da ordem do impossível, na medida em que ele é furado por não portar uma completude. O real é o irrepresentável, mas constantemente simbolizado. Imaginariamente achamos que o simbólico é o real, pois parece natural sua nomeação. Mais é nesse ponto que nos iludimos, é nele que há o entrelaçamento do nó borreameano que Lacan definiu como real, simbólico e imaginário.

Behares coloca el acontecimiento didáctico en el RSI e o denomina como una “ilusión :”

Esta “ilusión” permite capturar la facticidad del acontecimiento, donde se repite lo que se repito por representable. De hecho, toda Teoría de la Mediación ha tendido siempre a esta ilusión. Aquello que constituye lo didáctico en su materialidad, también se sienta fuertemente en esta ilusión, como un efecto como un efecto discursivo conformador. Es la maestra que dice “Yo enseñare xxxx a estos niños” y los niños que repican desde su lugar de sujetos didácticos “Yo aprenderé xxxx que la maestra enseña”. Lo mais interesante es que xxxx se presente para ambos como un todo y que el enseñar y el aprender se representen como totalmente controlables. Esta ilusión emplaza lo repetible, que se impone a estos sujetos, como si fuera de su absoluta voluntad y posibilidad. No obstante, sabemos que la ilusión se agujerea constantemente por las faltas de una subjetividad precariamente estable y por la irrepetibilidad presente en el acontecimiento mismo, como ocurrencia singular que escapa a cualquier control egoico. (Behares, 2003, p. 14)

Poucas considerações posso tecer sobre o olhar da psicanálise neste momento, mas já são suficientes para alguns posicionamentos, pequenos passos de uma longa caminhada que não

tem mais volta. O deslocamento não implica a pretensão de ter descoberto a “verdade” ou ainda completar o que falta a um Corpus Teórico qualquer, mas é antes de tudo não controlar como esse novo lugar vai nos marcar e onde isso vai dar. No entanto, sabemos que não permaneceremos no lugar de antes.

Como considerações finais deste artigo, coloco a difícil tarefa de sustentar a relação entre teoria e prática, que é um dos princípios básicos da Didática e dos processos didáticos. A teoria não suporta a singularidade que a prática revela e fechar questão a respeito de determinado assunto implica deixar de fora outras, reduzindo assim, por exemplo, ‘a simplificação do processo ensino-aprendizagem. Ao colocar algumas possibilidades para a eficácia deste processo haverá o apagamento de outras. Nesta vertente como se ensina e como se aprende sempre esbarrará nesta espessura que é própria da linguagem.

Hoje como professora de Didática, não tenho mais a pretensão de encontrar soluções, mas de levantar questões, de dizer que algo mais está implicado e que não estamos diante da verdade, mas na constante busca de encontrá-la. Behares afirma que: “en este interjuego de la ilusión, necesaria como tal para todo sujeto pragmático que cree saber de sí y planifica su accionar (Behares, 2003, p.14). Esta forma que o autor chama de ilusão necessária, fantasia, é acreditar sempre que pode buscar alternativas, não desistir nunca de encontrar a melhor forma, a metodologia mais adequada, diria até menos sofrida para que o aluno possa aprender. Nesta perspectiva, a Didática é referência para os educadores e futuros educadores

REFERÊNCIAS

ABRAMOWSKI, Estanislão, ANTELO, Ana Laura. **Movimentos negativos no Ensino Médio. Como abandonar a Pedagogia “Ingalls”?**Revista Estilos da Clínica, vol IV,Nº7,1999.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1983.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BEHARES, Luis E. (org). **Didáctica Mínima – Los acontecimientos del Saber. Montevideo, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación-Departamento de Psicología de la Educación e Didáctica**. Publicaciones Universitarias, 2003

BURGARELLI, Cristóvão Giovani. **Linguagem e escrita: por uma concepção que inclua o corpo**. Goiânia: UCG, 2005a.

_____. **Ciência, discurso estatuto do sujeito**. 2005.

CANDAU, Vera Maria (org). **A didática em questão**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Rumo a uma nova didática**. 9 edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

DE LAJONQUIERE, Leandro. **Infância e ilusão (psico) pedagogia: escritos de psicanálise e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995.

HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1994.

HENRY, Paul. **A Ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Campinas: UNICAMP, 1992.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LIBANÊO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (coord.). **Repensando a Didática**. 5 ed. Campinas: Papirus, 1991.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática: Ensino e suas relações**. Campinas: Papirus, 1996.

VIVER MENTE&CÉREBRO. **Memória da Psicanálise, Edição especial**. Nº. 04. Pinheiros: Duetto, 2005.